



MARTIN, André R. Armando Corrêa da Silva e a “Geografia do Futuro”. In: MACHADO, Mônica S. e MARIN, André R. **Dicionário dos Geógrafos Brasileiros**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2014, p.13-28.

ARMANDO CORRÊA DA SILVA E A “GEOGRAFIA DO FUTURO”

André Roberto Martin¹

E o futuro o que é? Tem que ser uma relação
população-espaço sem exclusões ou limitações

(Armando Corrêa da Silva, mimeo, s/d)

Todos os que tiveram o privilégio de conhecer pessoalmente o geógrafo, professor universitário e pianista – não necessariamente nesta ordem – Armando Corrêa da Silva decerto compreenderão, sem esforço, o sentido geral que pretendi emprestar a este verbete, ao escolher o título acima. Os que, de outro modo, só o conhecem em função de indicações, comentários ou leituras de seus textos e, sobretudo, sabem da existência de sua obra literária, também perceberão facilmente que procurei inspiração na própria verve do autor analisado, a fim de construir formal e estilisticamente meu comentário. Não posso dizer se fui feliz na empreitada, mas é bem provável que o próprio professor Armando não viesse a concordar com a expressão que utilizei para qualificar seu trabalho, ele que era tão avesso a rotulações, de modo que é preciso desde já advertir o leitor que a mesma é de minha inteira responsabilidade. É claro, no entanto, que os anos de convivência, o fato de haver sido seu orientando tanto no Mestrado quanto no Doutorado, me autorizam, ao menos em parte, a ousar tal designação, mesmo porque são inúmeros os indícios que provam estar o pensamento de Armando Corrêa da Silva sempre um passo adiante de seu tempo, o que, se por um lado, nos dá uma breve medida de sua contribuição para a construção de uma teoria avançada em Geografia, por outro tornou problemática a sua interlocução com a grande maioria de seus colegas de profissão e demais contemporâneos de geração. Ele mesmo confessaria, em seu Memorial para o concurso de Professor Titular do DG-USP, que se sentia, aos 57 anos, maduro como intelectual, mas vivendo certo desconforto por não se identificar mais com os de sua idade (a geração dos anos 50) e relacionar-se melhor com os mais jovens, dos anos 60 ou 70, assim como também se considerava um homem desenraizado, uma vez que chegara a mudar de casa 17 vezes, não constituindo, assim, laços de vizinhança mais consolidados.²

¹ Doutor em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo. Professor associado e livre docente em Geografia Política do Departamento de Geografia da FFLCH da Universidade de São Paulo. (andremartin@usp.br)

² Armando C. da Silva, Memorial apresentado a concurso para preenchimento de cargo de Professor Titular em RDIDP do Depto. de Geografia da FFLCH-USP – São Paulo, Mimeo, 1989.



Cito este fato porque creio que o mesmo teve influência decisiva na formação de suas vocações, tanto no que diz respeito às profissões que viria a escolher – pianista e professor universitário – quanto pelas preferências temáticas e metodológicas ao definir o objeto de suas pesquisas, influenciando também suas inclinações ideológicas e políticas. Tudo isto somado nos ajudará a desvendar, ainda que parcialmente, a sua personalidade pública, sobretudo naquilo que nos interessa mais diretamente, qual seja a avaliação da sua contribuição para o desenvolvimento da Geografia brasileira. É algo sobre o qual já posso adiantar um juízo preliminar, pois entendo que a obra de Armando Corrêa da Silva ainda está por ser mais divulgada e, sobretudo, melhor entendida e assimilada. Só depois disso creio que poderemos vir a pleitear um reconhecimento mais justo de sua contribuição. Além disso, é preciso reconhecer que muitos de seus demais orientandos, assim como outros jovens pesquisadores interessados no tema da memória do pensamento geográfico, encontram-se mais bem posicionados do que eu mesmo para o cumprimento da presente tarefa. Prova disso, por exemplo, é o texto de Eliseu Spósito publicado na Revista GeoAtos³, o qual, juntamente com o Memorial anteriormente citado, constituirão importantes fontes de referências das páginas a seguir. As obras de Ruy Moreira, de outra parte, falam por si, e é claro que a consulta a elas também é imprescindível. Élvio Martins Rodrigues, por sua vez, lidera um grupo de trabalho na USP que atualmente organiza o volumoso material manuscrito deixado por Armando Corrêa, visando a uma futura publicação.⁴ E finalmente, mas não por último, cito meus amigos Antônio Carlos Robert Moraes e Wanderley Messias da Costa, que possuem uma contribuição decisiva na construção da “Geografia Crítica” e que também poderiam, é claro, realizar este verbete com mais proficiência. Isto só para citar alguns nomes. Coube-me, todavia, na condição de incentivador do projeto da professora Mônica Machado, propor e assumir este compromisso, sabedor dos perigos que as relações afetivas trazem a qualquer analista e comentador. Trata-se, portanto, de aceitar um duplo desafio: o de prestar uma homenagem condigna ao homem e o de procurar manter alguma distância crítica a respeito do geógrafo e intelectual.

Quanto à divisão dos assuntos aqui proposta, ela se deve, em parte, ao enfrentamento de um problema que acompanhou o nosso autor por toda sua vida acadêmica, qual seja o desconforto proporcionado pela tensão entre a relativa fixidez do dado empírico, corológico e cronológico, em contraponto à liberdade do pensamento teórico, guiado pela razão dialética, a imaginação e a livre dança das categorias.

³Consultar Eliseu Spósito, por Armando Corrêa da Silva. Em busca do futuro do pretérito. GeoAtos – Revista Geográfica em Atos, Depto. de Geografia, Presidente Prudente nº1,v.2, jun-dez 2011, p 110-19.

⁴Élvio Martins Rodrigues coordena, em co-responsabilidade com Floripes Pine Garcia, o projeto intitulado “Fundo Armando Corrêa da Silva”, que pretende conservar, recuperar e publicar os textos inéditos de nosso autor.



Armando Corrêa da Silva produziu uma obra relativamente extensa, bastante variada e, sobretudo, complexa. Navegou por várias das disciplinas da Geografia, tais como Geografia Econômica, Política, Regional, Urbana, da População, e preocupou-se sempre com a profissionalização do geógrafo, sua formação, e a institucionalização da carreira. Trouxe para o âmbito do Departamento de Geografia da USP disciplinas e temas até então inusitados tais como a problemática da “pós-modernidade”, a da “transvanguarda”, as Geografias Social e Cultural, o “bloco histórico” gramsciano para a análise das “questões regionais” e, sobretudo, a ontologia de Lukács e a fenomenologia de Heidegger. Foi sua formação filosófica como autodidata, talvez, o traço mais marcante e original de sua produção como teórico da Geografia. Afora seu esforço em atualizar os geógrafos brasileiros, procurando sempre colocá-los em contato com as últimas tendências e temas da teoria social contemporânea, Armando também acreditava que o conhecimento deveria sempre possuir um sentido de utilidade social. Não sei, honestamente, se aqui o mestre logrou o mesmo êxito que no campo da teoria e metodologia, onde afinal concentrou suas atenções. Que julgue o próprio leitor, a partir dos elementos fornecidos a seguir e, é claro, sobretudo da leitura direta das obras do nosso autor e demais especialistas.

O intelectual precede o geógrafo

Nascido no interior de São Paulo, mais precisamente na cidade de Taquaritinga, no dia 26 de novembro de 1931, Armando Corrêa da Silva não chegaria a conhecer sua cidade natal, já que por força da profissão de seu pai, um engenheiro civil, a família se via obrigada a mudar de local de moradia constantemente, como já assinalamos. Sua formação elementar deu-se na cidade de São Sebastião, que na passagem da década de 1930 para a de 1940 recebia obras de modernização de seu porto. Seu pai fora designado para fiscalizá-las. Quando alcançou o ginásio, teve de transferir-se para um Colégio Interno, em São Paulo, já que em São Sebastião não existiam escolas desse nível. Suas notas em Geografia foram, no geral, boas, segundo anota em seu Memorial já citado. Fez o curso científico entre 1948 e 1950, acompanhando a expectativa discreta de seu pai de seguir-lhe a carreira, mas repentinamente mudou de opinião e tentou vestibular para o curso de Direito por dois anos seguidos, sem sucesso. Nesse ínterim tomava aulas de piano, que lhe foram muito úteis a seguir, quando, em crise, decidiu mudar-se para Goiânia, onde passou a tocar profissionalmente na noite local, introduzindo-se, assim, no restrito círculo da intelectualidade do Planalto Central da época. Ele agradecerá explicitamente a Gabriel Loureiro Ferreira “o despertar de uma outra vocação”,⁵ ao assinalar que, por influência deste, decidiu mudar-se para São Paulo, a fim

⁵Armando C. da Silva, Memorial apresentado a concurso para preenchimento de cargo de Professor Titular em RDIDP do Depto. de Geografia da FFLCH-USP – São Paulo, Mimeo, 1989, p.15.



de retomar os estudos e prestar vestibular para o curso de Ciências Sociais. Revela a seguir haver ficado em dúvida entre os cursos da Escola de Sociologia e Política (atual FESPSP) e o das Ciências Sociais da USP, terminando por optar por este último, por lhe parecer mais desafiador. Decisão importante, uma vez que preferiu enfrentar o “weberianismo” da escola uspiana, que lhe trazia algo desconhecido, a reiterar a “sociologia marxista” já assimilada em seus traços gerais por conta própria, e que era mais característica da escola rival. Ou, dito de um modo um pouco mais preciso, foi antes devido à sua inclinação para a teoria que o então vestibulando optou pelo curso da USP, e não pelo da FESP, uma vez que a Sociologia desenvolvida na primeira estava mais ligada à metodologia, e a da última destacava-se, antes de tudo, pelos levantamentos empíricos e diagnósticos acerca da situação da classe trabalhadora no Brasil.⁶ Não obstante esta escolha decisiva, em favor da teoria pura e contra a ciência aplicada, cujos efeitos se farão notar no longo prazo, é interessante observar que seu primeiro trabalho acadêmico inscreveu-se, na verdade, inteiramente na tradição da escola que rejeitou, como mostraremos mais adiante.

Note-se que a essa altura Armando Corrêa já militava politicamente, tinha quase 30 anos e decidira abandonar a profissão de músico por considerar que os instrumentos acústicos estavam com seus dias contados, em face do assalto dos elétricos, numa outra demonstração de sua grande capacidade de antevisão. Um ano antes da revolução de 1964, Armando tornara-se o presidente do CEUPES, Centro Acadêmico do curso de Ciências Sociais, numa conjunção de fatos, que, como o leitor poderá prever, não lhe seria, a seguir, nada favorável. A militância política e a influência de intelectuais como Florestan Fernandes, Octavio Ianni e Fernando Henrique Cardoso, seus professores, o inclinavam fortemente em direção à teoria. Porém, terminada a Licenciatura em 1965, ele viverá anos conturbados ao ver naufragar sua intenção de seguir imediatamente numa pós-graduação.

É apenas em 1967, quando trabalhava como “copydesk” no jornal Folha de São Paulo, que o contato com a Geografia universitária, de fato, se estabelecerá. Ele conhece ali o professor Dirceu Lino de Mattos, que buscava auxiliares para uma pesquisa em Geoeconomia a ser desenvolvida junto à Faculdade de Economia e Administração da USP – FEA – onde lecionava. Armando será aceito na equipe, apesar de confessar ao professor “não entender nada de Geografia”.

A seguir, já na qualidade de aluno de pós-graduação, cursará várias disciplinas de Geografia Física, a fim de preparar-se para lecionar Geografia das Indústrias na FEA, seguindo as instruções do professor Dirceu. Em 1970

⁶Para uma visão mais completa do assunto, consulte-se: Del Vecchio, A. (2013), A Escola de Sociologia e Política de São Paulo: política, pesquisa e método nas ciências humanas. Tese apresentada ao Depto. de Antropologia, Política e Filosofia da Faculdade de Ciências e Letras Unesp/Araraquara para obtenção de Título de Livre-Docente, Araraquara.



debuta finalmente como professor universitário, ministrando aquela disciplina acima mencionada, sob um acentuado enfoque historicista. Os alunos aprovaram o curso. Seu destino, assim, está traçado. Ele já havia publicado nessa época alguns textos sobre política e cultura, quer na qualidade de líder estudantil, quer como intelectual “free-lancer”, em Goiânia, mas seu trabalho mais importante ao longo de todo esse período foi um estudo sobre o proletariado paulistano, que conseguiu fazer publicar na prestigiada Revista Civilização Brasileira,⁷um feito considerável, naquelas circunstâncias, e que marcará a sua afirmação como intelectual. Ali está, por inteiro, o sociólogo marxista, longe de prever que um dia se tornaria um importante geógrafo. Não se pode dizer que a transição tenha sido um caminho tranquilo.

O sociólogo descobre a Geografia

A primeira impressão que a “ciência dos lugares” provocou no jovem sociólogo não foi positiva. A segunda, pode-se dizer, também não. Ele não encontrou unidade no objeto da Geografia, nem profundidade teórica, afora um profundo menosprezo pelo tempo e pela História. De certo modo, foi a tentativa de preencher certas lacunas teóricas e superar certos impasses metodológicos da ciência, que agora abraçara como ofício, o que o animou a seguir adiante. Armando gostava de desafios, porém, com humildade, reconheceu que a formação em Ciências Sociais lhe criava obstáculos para compreender o objeto e o método da Geografia, e assim, nos anos seguintes, passou a ~~dedicar-se~~ a estudar com afinco e profundidade o assunto. A sua aproximação com Aziz Ab’Saber e Pasquale Petrone parece ter sido decisiva para que não desistisse da Geografia. Com o primeiro aprendeu o significado do trabalho de campo para a pesquisa geográfica, ao acompanhá-lo numa excursão até a região de sua infância, o litoral de São Sebastião, e do segundo recebeu o estímulo fundamental para que fizesse um doutorado direto, já que possuía boa bagagem teórica e experiência didática. É o caminho que de fato seguirá. Porém, antes de examinarmos com um pouco mais de detalhe seu Doutorado, assim como as duas outras teses que produziu, seria interessante reproduzir alguns comentários críticos do próprio Armando acerca do relativo “atraso” teórico que identificou na Geografia, em comparação com a Sociologia, a começar pela simples constatação de que a grande maioria das pesquisas em Geografia era constituída de monografias lógico-indutivas que não chegavam a arranhar o nível da explicação, que, para ele, sempre eram o resultado de um esforço de dedução.

Assim, por exemplo, no que se refere aos contatos com a Filosofia, Armando Corrêa anotará que apenas alguns clássicos da Geografia havia feito referência aos filósofos, e, de um modo geral, era bem precário o preparo da

⁷Armando C. da Silva, Estrutura e mobilidade social do proletariado urbano em São Paulo. Revista Civilização Brasileira, nº13, Rio de Janeiro, GB, 1967.



grande maioria dos geógrafos nessa matéria. Daí a dificuldade de a Geografia superar a sua crise, uma vez que a “deficiência de preparo filosófico” não permitia a solução do intrincado problema do seu objeto. Ele se proporá, então, a buscar uma resposta à sua indagação, identificando, a seguir, o fulcro da questão no que denominou de “impasse aristotélico-kantiano”⁸ da Geografia, ou seja, o fato de o desenvolvimento dessa ciência haver se dado ao longo dos séculos XIX e XX, à margem do pensamento dialético tanto hegeliano quanto marxista, o que, em outras palavras, significava dizer que o embate determinismo/possibilismo não tinha solução no interior do positivismo, uma vez que Sociedade e Natureza compareciam ali como entidades não apenas ontologicamente distintas, mas inclusive hostis. Se a raiz aristotélica primária da Geografia afirmava, por um lado, o primado dos “entes”, dando fundamento às monografias empiristas, por outro a concepção de Kant, ao distinguir aparência e realidade e propor o “espaço” como categoria do entendimento, servia de lastro às correntes racionalistas, o que, em última instância, não resolvia o problema filosófico e científico de se o “espaço” era, afinal de contas, um elemento interior ou exterior ao Homem.⁹

Armando não se intimidará diante do problema e mobilizará todo o arsenal metodológico disponível no “mercado das ideias” para tentar uma resposta à sua pergunta, que poderia ser entendida, no sentido aristotélico, como metafísica. Assim, resumindo, se a ontologia lukácsiana que absorvera de José Chazin lhe permitira, de um lado, diagnosticar a essência da crise da Geografia, colocando-o em pé de igualdade no debate teórico dessa ciência com nada menos que Yves Lacoste, David Harvey, Milton Santos e Massimo Quaini, por outro lado, o próximo desafio – a análise do “sujeito” – lhe imporá uma interlocução incontornável com a fenomenologia, o existencialismo e a pós-modernidade. Poucos intelectuais com uma longa filiação marxista estariam dispostos a abraçar tarefa de tal magnitude, e com tanto despojamento. Armando Corrêa foi um deles.

Armando e suas “defesas de Tese”

Sem dúvida, foi a grande capacidade de síntese, ao lado das sólidas posições teóricas e ideológicas, o que garantiu o sucesso inicial do sociólogo em seu novo “ofício”. A experiência adquirida durante sete anos como professor da FEA lhe permitiu estabelecer contato com o universo temático da Geografia e a difícil questão de seu objeto e unidade. Mas será só a partir da defesa de seu Doutorado que, podemos dizê-lo, Armando assumirá plena e conscientemente a sua nova condição de geógrafo.

⁸Esta sua importante “descoberta” é desenvolvida no livro Silva, A.C. da (1978), O espaço fora do lugar, Ed. Hucitec, São Paulo.

⁹Armando C. da Silva, Memorial apresentado a concurso para preenchimento de cargo de Professor Titular em RDIDP do Depto. de Geografia da FFLCH-USP – S. Paulo, Mimeo, 1989.



Mais uma vez, a pergunta original, a contrapelo da tendência dominante, destacará a reflexão armandiana das demais. Ele ou definirá uma síntese entre as monografias regionais tradicionais e uma reflexão teórica mais refinada ao testar a hipótese de que as “relações de dependência” transcendiam as condições de soberania, igualando assim as “regiões periféricas” supra e subnacionais. Não lhe interessava mais tanto assim reconhecer e identificar a condição de dependência, mas antes compreender qual a gênese de uma “região periférica”, qual a sua “condição interna e necessária”.¹⁰ Em mais uma “alfinetada” dirigida à sua nova “comunidade científica”, Armando ressaltará que a principal dificuldade para responder ao problema central de sua tese se devia à “falta de apoio em trabalhos geográficos. Foi preciso fazer, primeiramente, a crítica da limitação da tipologia geográfica existente sobre região”¹¹, ele escreverá na introdução do trabalho. Ou, o que daria no mesmo, ele irá propor, de maneira bem original, uma nova tipologia lógico-histórica que, sem perder o rigor da logicidade, fosse capaz de incluir a dimensão temporal em suas análises. Dentre os geógrafos, David Binstajn foi o único autor que se aproximou daquilo que Armando buscava e, numa adaptação do modelo deste para a realidade encontrada no Litoral Norte do Estado de São Paulo, ele concluiu sua Tese propondo a primeira tipologia ontogenética para o fenômeno das “regiões periféricas” de que se tem notícia. E o que isto significa? Nada menos que uma revolução metodológica no trato da espinhosa discussão das “disparidades regionais”, permitindo verificar como as partes e o todo se entrelaçam dialeticamente, isto é, como a “formação territorial” conduz e é conduzida pelas “funções regionais”, que, por sua vez, se alternam ao longo do tempo e influenciam as discontinuidades observáveis em escala nacional. O “sub-centro” e a “semi-periferia” de hoje, em conclusão, já teriam sido regiões isoladas ontem, ou em alguma época, e estas poderão chegar à condição daquelas amanhã ou depois. Confirmar-se-ia, assim, a hipótese de que existiria um “colonialismo interno” no país, o qual reproduz, em linhas gerais, as características básicas da dominação e exploração observada em função da desigualdade externa. Uma explicação sem dúvida bem amarrada, mas sublinho que a questão acerca da moeda e das forças armadas, isto é, da soberania, não foi tratada, e tampouco lhe foi cobrada pela banca.

Foi uma tese, no geral, bem aceita pelos seus mestres uspianos, e que consolidou seu nome no rol da comunidade dos geógrafos brasileiros. Não obstante, quando pretendeu tornar-se Livre-Docente, Armando deparou-se com uma situação completamente distinta, que resultou numa polêmica e inusitada “reprovação”. Até hoje este é um

¹⁰ Armando C. da Silva, O Litoral Norte do Estado de São Paulo: formação de uma região periférica. Instituto de Geografia, USP, 1975, p. 5.

¹¹ Armando C. da Silva, O Litoral Norte do Estado de São Paulo: formação de uma região periférica. Instituto de Geografia, USP, 1975, p. 5.



dos episódios mais emblemáticos da luta ideológica e teórica que marcou a Geografia brasileira daquele período, entre “quantitativos” e “marxistas”.

Embora tivesse esperança de ser aprovado, Armando correu um risco calculado, e procurou tornar a sessão de defesa de sua Tese de Livre Docência um evento nitidamente de caráter político. A começar pelo título, bastante original e provocativo “Cinco paralelos e um meridiano – contribuição ao discurso geográfico teórico-”, nosso autor procurou nesse estudo demarcar, de maneira bastante clara e sem sofismas, os campos ideológicos e científicos em pugna pela melhor “explicação geográfica” e pela melhor “compreensão da realidade”. Sua proposta se baseava no conceito de “subtotalidade”, uma tentativa de síntese, grosso modo, entre as abordagens empírico-indutivas e lógico-dedutivas, mas que não deixava de procurar demonstrar, até com alguma ênfase, a superioridade da visão totalizante da ontologia lukácsiana em relação à fragmentação neo-positivista do objeto e ao reducionismo do enfoque empirista. Dado que a banca era formada principalmente por geógrafos comprometidos com o empirismo positivista, é compreensível que a Tese armandiana não fosse, em princípio, bem recebida. Mas seria ingênuo atribuir exclusivamente a este aspecto a razão de sua “reprovação”.

Mais tarde, o próprio Armando reconheceria que não foi bem na prova prática, saiu-se melhor na defesa do Memorial, e foi muito bem na prova escrita. Ou seja, foi realmente em razão da sessão de defesa da Tese que o veredicto foi tomado. E me lembro, por tê-la assistido, que Armando enfureceu vários membros da banca ao retrucar a crítica de que não “havia uma Tese” propriamente dita em seu trabalho, pois faltava unidade temática entre os capítulos. Ele ironizou dizendo que havia tantas teses quantas ordens de leitura desses capítulos, pois, se bem que independentes e válidos em sua singularidade, cada um deles se articulava com os demais numa determinada ordem lógica, a qual poderia ser definida livremente pelo leitor. Assim, o fato de não possuir uma forma tradicional, com começo, meio e fim, não significava a ausência de uma Tese, mas apenas que a mesma não estava tão evidente.

A fina ironia não sensibilizou a banca, muito pelo contrário. E o subterfúgio do não reconhecimento de uma tese de Geografia propriamente dita, uma vez que ali estavam incluídos temas característicos de outras disciplinas, selou a justificativa para que não lhe conferissem o título pleiteado. Apenas Pasquale Petrone, entre os cinco membros da banca o aprovou. Os demais, por diferentes razões, o reprovaram: Dirceu Lino de Mattos, Antonio Olivio Ceron, Jurgen Langenbuch e Orlando Valverde. O primeiro, seu antigo orientador, manteve-se sempre filiado ao “determinismo”, os dois seguintes eram expoentes, à época, da corrente “teórica” e, finalmente, Petrone e Valverde alinhavam-se ao que se poderia chamar de “possibilismo”, isto é, uma escola de estudos regionais de inspiração francesa que começava a incluir, na Europa, o vocabulário e as temáticas marxistas. Listo a



seguir o índice do trabalho, a fim de que o próprio leitor tire suas conclusões acerca da “refrega”. A tese começava com uma introdução que fazia o papel de “paralelo”, ao tentar alinhar os capítulos a seguir, isto é, os “meridianos”, atribuindo um significado unificador ao conjunto. Depois seguiam-se os ensaios: Brasil Geográfico; Espaço e Socialismo; Variações, Unicidade, Dependência, Equivalência; O Espaço Social na Geografia Francesa; e Colonialismo e Complementaridade.¹²

Apesar de derrotado em termos acadêmicos e administrativos, Armando sentiu-se vitorioso nos planos político e epistemológico: ele havia indicado a possibilidade da construção de um discurso teórico orgânico em Geografia, e não fora “vencido” em termos de argumentação, muito pelo contrário. O fato de as arguições da banca terem se concentrado apenas no primeiro capítulo da tese lhe pareceu uma prova de que seu trabalho de fato incomodara o “establishment” empirista da Geografia brasileira. Daí sua decisão de seguir nesse veio, uma chave encontrada, afinal, para a solução do histórico problema do objeto da Geografia. Além disso, inquestionavelmente, sua reprovação provocara uma onda de solidariedade entre os estudantes, tanto de graduação como de pós-graduação, e entre os professores mais jovens, o que terminaria por colocá-lo, num primeiro momento, como ponto de referência incontornável do debate teórico em Geografia e, logo em seguida, como liderança nacional e local da Associação dos Geógrafos Brasileiros.¹³

Assim, muito antes do que pudessem prever seus detratores, Armando preparou outra Tese de Livre Docência, respeitando agora aqueles aspectos formais que haviam servido de justificativa para a sua primeira reprovação. Não sei se posso me atribuir alguma influência nisso, mas o fato é que, nesse período, passagem das décadas de 1970 para a de 80, Armando orientava meu mestrado sobre o bairro do Brás e, em paralelo desenvolvia sua pesquisa sobre o bairro da Consolação, duas áreas sub-centrais da metrópole paulista que se encontravam em processo de profunda transfiguração. Foi um período em que se intensificaram os colóquios, formais e informais, com o professor Armando, nos quais discutíamos principalmente o que havia de comum e o que era singular a cada bairro naquele momento do processo urbano paulistano, e que tendências se poderiam tentar antever, para cada bairro e para a Metrópole em seu conjunto. Ele possuía uma visão bastante clara da hierarquia de complexidade das pesquisas acadêmicas, que iriam, ou deveriam ir, segundo sua opinião, das mais simples – as “Monografias” –, geralmente estudos descritivos característicos de uma fase de formação, portanto próprios aos “Mestrados”, até se chegar às mais complexas – os “Ensaio” –, sempre mais conceituais, abstratos e teóricos,

¹² Armando C. da Silva, Memorial apresentado a concurso para preenchimento de cargo de Professor Titular em RDIDP do Depto. de Geografia da FFLCH-USP – S. Paulo, Mimeo, 1989.

¹³ Armando exerceu o cargo de presidente nacional da AGB na gestão 1990-92 e posteriormente dirigiu a Seção Local São Paulo.



característicos de um pensamento amadurecido e que deveriam, assim, balizar as Teses de “Livre Docência” e os concursos para “Professor Titular”. Em razão disso, teria certa dificuldade em justificar o aparente “reco” de seu novo trabalho perante o anterior, já que na nova Tese, apresentada apenas três anos após o “fracasso” daquela reprovada em 1979, o elemento empírico ocupava papel de destaque. Ele se defenderá alegando que o “estudo de caso” serviu, no fundo, como alavanca para suas ambições teóricas.

O título da Tese – “A metrópole ampliada. O bairro metropolitano. O caso de São Paulo: o bairro da Consolação-SP” – não deve nos levar a pensar que se trata de um estudo descritivo tradicional. Pelo contrário, o principal objetivo de seu esforço foi testar duas hipóteses eminentemente teóricas, a primeira relacionada à importância dos serviços para o processo de metropolização, e a segunda sobre como a estrutura da metrópole ampliada representaria a manifestação acabada, no espaço, da hegemonia do capitalismo monopolista de Estado sobre a sociedade.¹⁴ Não obstante, para lastrear suas hipóteses, Armando realizou um exaustivo trabalho de campo que recolheu, lote a lote, quadra a quadra, as características básicas de cada edificação e os preços do lote e da área construída, os quais foram tratados como elementos de evidência das hipóteses e resultaram em belos mosaicos que combinaram rigorosa cartografia temática e apurado senso estético.

Dessa vez seu trabalho não corria o risco de reprovação. De um lado ele cobrira todas as mediações do espectro multidisciplinar da Geografia, ao revelar conhecimentos partiam da Geologia, Pedologia e Topografia de cada lote analisado para alcançar os níveis mais elevados e abstratos da reflexão metodológica e filosófica contemporâneas. De outro lado, a banca agora estava mais afinada com os vários temas tratados, e não reconhecia no modo peculiar como Armando os desenvolvia nenhum risco maior ao rigor científico, como ficara subentendido na vez anterior. AzizAb’Saber, Gabriel Cohn, Paul Singer, Milton Santos e André Villalobos lhe atribuíram ao final de três longos dias de certame a nota 9, o que abriu formalmente a possibilidade para que nosso autor se tornasse em seguida Professor Titular, encerrando assim sua vida docente no topo da carreira, como havia sido seu desejo desde o início.

De volta para o futuro

Obviamente todo o conhecimento, sendo coletivo, histórico e transitório, apresenta certos limites que não podem ser ultrapassados. O que coloca, em termos armandianos, a questão sobre se, no futuro, ainda haverá um

¹⁴Consultar Armando C. da Silva, A metrópole ampliada e o bairro metropolitano: o caso de São Paulo: o bairro da Consolação. Tese de Doutorado, Depto. de Geografia FFLCH-USP, São Paulo, Introdução, 1982.



conhecimento parcelar da realidade que continuará sendo chamado de Geografia. Ou, em outras palavras: será que a Geografia tem futuro?

A mesma questão colocada hoje e em meados dos anos 1970 possui decerto, significados distintos. No entanto, é incrível como, passadas quatro décadas, a indagação original de Armando Corrêa permanece atual, no sentido de que novamente a comunidade de geógrafos se encontra sem um rumo definido pela frente, sem um projeto coletivo unificador dos interesses, vontades e vocações dos geógrafos. Naquela época a apropriação crítica do estruturalismo althusseriano permitiu a Armando Corrêa da Silva estabelecer um diálogo fecundo com Milton Santos no sentido de se buscar uma metodologia geográfica imune à pressão “paralisante das estruturas”, como bem apontou Breno Pedrosa.¹⁵ E para tanto o recurso à ontologia e à fenomenologia se mostraram essenciais, a fim de se compreender melhor os mecanismos da “produção do espaço” e como esse espaço “produzido” é “percebido” e “valorizado”. Assim, de lá para cá observamos que o “sujeito”, a “cultura” e a “luta de classes” passaram a habitar com naturalidade os textos dos geógrafos e não são mais considerados desvios “sociologizantes” ou “psicologizantes” comprometedores do “caráter distintivo da Geografia”, como postulava o modelo lablachiano. Sem dúvida, a carência teórica da “ciência dos lugares” foi afastada e, agora, o risco que se corre é, ao contrário, o do completo abandono do caráter “aplicado” dessa disciplina que sempre pressupôs o diagnóstico de espaços singulares, através de levantamentos empíricos. As respostas alcançadas por Armando Corrêa podem não ter sido definitivas quanto à superação da tendência à fragmentação do discurso e da pesquisa geográficas, um problema, aliás, não exclusivo da nossa “ciência”. Contudo, ao constatar que historicamente a Geografia vinha se apresentado como uma “ideologia do cotidiano” e que, afinal de contas, a compreensão de fenômenos e processos concretos é mais importante que qualquer “classificação das ciências”, ele não deixou de contribuir significativamente para o arejamento do discurso de nossa comunidade científica, bem como de sua politização.

É verdade, por outro lado, que a metodologia que buscou formatar e aplicar, por ele denominada inicialmente de “fenomenologia-ontológica-estrutural”¹⁶, ainda soa um tanto estranha e paradoxal. Da mesma maneira, não parecem ter sido tão fecundos os desdobramentos do conceito de “subtotalidade”, como ele previa. Salvo engano de minha parte, apenas Ruy Moreira e Élvio Martins têm procurado prosseguir na trilha aberta pelo mestre, ao

¹⁵Consultar, Breno Viotto Pedrosa, A Geografia Crítica brasileira e o debate sobre a ontologia do espaço: uma aproximação. Revista Geografias, nº 11, p. 139-168, junho, 2012.

¹⁶A esse respeito consultar Ruy Moreira, Marxismo e Geografia: a geograficidade e o diálogo das ontologias. Revista GEOgraphia, Niterói, PPGeo/UFF ano VI, nº 1, 2004.



explorar a noção de “geograficidade” como que para dar concretude àquela formulação.¹⁷ Autores mais jovens como Humberto Guimarães, Breno Viotto Pedrosa, Luís Lopes Diniz Filho e outros, por sua vez, têm dado contribuições interessantes, mas como reavaliações de seu legado, inserindo-o no contexto mais amplo do debate que viveu e ajudou a florescer. O resgate desse passado recente da Geografia brasileira já se inscreve, assim, de forma indelével, como parte significativa da história do pensamento geográfico em termos universais. Essa maior robustez teórica, contudo, não implicou a construção de um espaço geográfico mais “racional”. Pelo contrário, hoje a crise da Geografia não é mais uma crise de “discurso”, mas da produção absolutamente caótica do espaço a partir do abandono de qualquer planejamento territorial que implique restrições ao mercado imobiliário e a outras formas capitalistas de uso do espaço. Assim, a “ontologia analítica” armandiana deve prosseguir ainda por algum tempo, segundo minha avaliação, como o “estado da arte” das teorizações a respeito do método mais apropriado para as necessidades da Geografia, ao fundir “a aparência, o ser e a forma”.¹⁸ Não obstante, a inclusão do tempo parece haver perdido, em seus últimos trabalhos, o protagonismo dos primeiros anos de sua reflexão, quando considerava o espaço geográfico como uma “progressiva realização humana”¹⁹ da qual apenas as Geociências poderiam fazer abstração. Isto recoloca a questão da unidade da Geografia que ele reconheceu como impossível em termos de objeto, mas não de método.

Procurei nestas poucas páginas dar um apanhado geral sobre o que significou a passagem de Armando Corrêa da Silva pela Geografia brasileira. A oportunidade de rever sua produção, que conheço quase integralmente, e cotejá-la com alguns de seus comentadores me levou à conclusão de que o esclarecimento integral do sentido desta “passagem” exigirá ainda muitos estudos, tamanha a densidade e a complexidade de sua reflexão, em qualquer uma das disciplinas geográficas em que atuou. Além disso, a generosidade que sempre teve para com seus orientandos, bem como a liderança política que exerceu na AGB, fazem dele uma referência incontornável para qualquer geógrafo brasileiro digno desse nome. Pode-se dizer, por outro lado, que o “casamento” de Armando com a Geografia não foi uma “paixão à primeira vista”, mas sim uma espécie de “união por interesse” à moda antiga dos matrimônios nas sociedades tradicionais. Nem por isso ele deixou de exercer, com absoluta entrega e uma enorme fidelidade, o ofício de geógrafo. Jamais se apresentou pública ou privadamente como sociólogo, embora técnica e oficialmente ele também o fosse. Armando tinha uma forma de trabalhar e raciocinar

¹⁷ Consultar Armando C. da Silva, A aparência, o ser e a forma. GEOgraphia, ano II, nº 3, 2000.

¹⁸ Consultar Armando C. da Silva, A aparência, o ser e a forma, Terra Livre nº9, GEOgraphia, anoII, nº 3, 2000.

¹⁹ Consultar Armando C. da Silva, A Geografia e a totalidade estrutural em crise de fundamentos, s/d, mimeo. A Geografia e a totalidade estrutural em crise de fundamentos, mimeo, p. 42.



absolutamente ímpar. Notívago desde os tempos de pianista em Goiânia, lia compulsivamente e escrevia todas as madrugadas, produzindo textos com grande regularidade sem a menor preocupação se estava sendo “produtivo”. Procurei aqui me concentrar na apresentação de suas Teses e não em seus livros e artigos, pelo fato de os primeiros serem estudos mais aprofundados e volumosos, além de menos conhecidos. De mais a mais, há a limitação do espaço.

Lembro-me que, por ocasião do lançamento de seu livro de poesias, em 1993, comentei com amigos que me parecia absolutamente lógico o título da obra, já que, afinal de contas, o “futuro” era o lugar de onde ele tinha vindo. Hoje penso que a frase contém algo de mais misterioso do que apenas uma brincadeira. Sua disposição para enfrentar problemas teóricos de difícil solução era simplesmente invejável, assim como seu compromisso com a liberdade de pensamento e a construção de uma sociedade brasileira mais tolerante, mais justa e menos desigual. Para mim ainda estão plenamente vigentes suas advertências para que os geógrafos brasileiros não permaneçam isolados em seu campo disciplinar, “mirando orgulhosamente o próprio umbigo”. Mais que apenas orientador ou líder intelectual e político, Armando Corrêa da Silva foi um amigo de seus orientandos, ensinando-lhes muitas outras coisas além daquelas regimentais. Assim, por exemplo, ao perceber minha timidez, alertou-me de que essa característica de personalidade poderia ser confundida por algumas pessoas ou com insegurança ou com arrogância. Sábias palavras. Em outro momento, quando surgiu a *Glasnost* e a *Perestroika*, indo a contrapelo das interpretações dominantes na esquerda, que se mostravam otimistas com o processo, prognosticou que aquela “guinada à direita” afastaria a humanidade do socialismo e poderia resultar na desagregação da União Soviética. Poucos lhe deram ouvidos.

Armando enfrentou uma esquizofrenia congênita com enorme dignidade. Combateu com fina ironia, coragem e elegância o preconceito de que foi vítima. Ele sabia que, ao menos em parte, esse preconceito havia pesado na reprovação de sua primeira Tese de Livre Docência, assim como na recusa de financiamento do único projeto que pretendeu realizar no exterior, a fim de testar sua teoria sobre o que denominava de “cosmopolitismo democrático metropolitano”. No entanto preferiu o silêncio. É verdade que muitas vezes Armando teve dificuldade em ser compreendido ou estabelecer uma interlocução, pois seu discurso podia tornar-se hermético demais e resvalar no incompreensível. Mas não me lembro de que tenha sido ríspido com alguém, exceto quando, numa aula de Geografia para o curso de Ciências Sociais, chamou de “stalinista” um dirigente estudantil que invadira sua sala intempestivamente. Ele se preparava para fazer um balanço acerca dos resultados de sua linha de pesquisa “O futuro do homem e do espaço na década de 90”, quando repentinamente veio a falecer, no dia 26 de agosto de



2000. Soubemos imediatamente de que essa era a data correta de seu falecimento porque Armando, metódico, não havia virado a folhinha para o dia 27.

Pode-se é óbvio, não concordar com tudo o que Armando Corrêa da Silva fez ou escreveu. Mas não se pode negar sua inteligência e o fato de que, acima de tudo, ele era um boa praça e um *gentlemen*.

Saudades do Armando.

Referências

MOREIRA, R. Marxismo e Geografia (A Geograficidade e o diálogo das Ontologias). Revista GEOgraphia, Niterói, Ano VI, n. 11, p. 21-37. 2004.

SILVA, Armando Corrêa da. Estrutura e mobilidade social do proletariado urbano em São Paulo. Revista Civilização Brasileira, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, n. 13, mai. 1967.

_____. O Litoral Norte do Estado de São Paulo: formação de uma região periférica. São Paulo: Instituto de Geografia, Universidade de São Paulo, 1975.

_____. O espaço fora do lugar. São Paulo: Hucitec, 1978.

_____. A Metrópole ampliada e o bairro metropolitano. O caso de São Paulo: o bairro da Consolação. São Paulo: FFLCH-USP, 1982. Tese (Livre docência) - Departamento de Geografia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1982.

_____. Memorial apresentado a concurso para preenchimento de cargo de Professor Titular em RDIDP do Depto. de Geografia da FFLCH-USP – São Paulo, Mimeo, 1989.

_____. A aparência, o ser e a forma (geografia e método). Revista GEOgraphia, Niterói, Ano II, n. 3, p. 7-25. 2000.

_____. A Geografia e a totalidade estrutural em crise de fundamentos, s/d, mimeo.

PEDROSA, Breno Viotto. A Geografia Crítica brasileira e o debate sobre a ontologia do espaço: uma aproximação. Revista Geografares, nº 11, p. 139-168, jun. 2012.

SPÓSITO, Eliseu. Por Armando Corrêa da Silva. Em busca do futuro do pretérito. GeoAtos – Revista Geográfica em Atos, Depto. de Geografia, Presidente Prudente n.1, v.2, jun-dez 2011, p. 110-19.

DEL VECHIO, A. A Escola de Sociologia e Política de São Paulo: política, pesquisa e método nas ciências humanas. Tese apresentada ao Depto. de Antropologia, Política e Filosofia da Faculdade de Ciências e Letras Unesp/Araraquara para obtenção de Título de Livre-Docente, Araraquara, 2013.